Recebido: 14 de fevereiro de 2023 | Aceito: 23 de setembro de 2025

SAYYIDA AL-HURRA: UMA ANÁLISE DAS BIOGRAFIAS DA "RAINHA CORSÁRIA", A ÚNICA MULHER A GOVERNAR O MARROCOS (SEC. XVI)

Yuri Coutinho de Moraes[1]

Washington Santos Nascimento[2]

Resumo

Sayyida al-Hurra foi governadora de Tétouan, noroeste do atual Marrocos, e aliada dos corsários que operavam no Mediterrâneo contra os reinos cristãos. O estudo de suas biografias, tendo em vista as limitações impostas por este gênero literário e evitando as armadilhas que se colocam ao pensar sobre uma trajetória de vida, nos permite conhecer quem era esta pessoa singular, a única mulher a governar o Marrocos, e entender seus feitos.

Palavras-chave

Sayyida al-Hurra; Marrocos; corsário; Tétouan; Mediterâneo; Granada.

Abstract

Sayyida al-Hurra was the governour of Tetóuan, the North-West of Morocco, and an ally to the corsairs who worked in the Mediterranean against the christian kingdoms. The study of her biographies, bearing in mind the limitations imposed by this literary genre and avoiding the traps from thinking about a life trajectory, allows us to know who was this singular person, the only woman to rule Morocco, and understands her deeds.

Keywords

Sayyida al-Hurra; Morocco; corsair; Tétouan; Mediterranean; Granada.

[1] Discente do curso de História – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Email: yurioftheazuresky@gmail.com

[2] Professor Associado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Email: washingtonprof@gmail.com

Neste artigo, nos propomos a examinar algumas biografias de Sayyida al-Hurra e estabelecer um debate historiográfico acerca de seus feitos e de sua vida. Para tal, nos embasaremos prioritariamente no artigo escrito pelo arabista espanhol Rodolfo Gil Grimau, *Sayyida al-Hurra, mujer Maroqui de origen Andalusi,* publicado na revista *Anaquel de Estudios Árabes* no ano 2000, e no artigo escrito pela professora de história moderna da universidade Hassan II de Casablanca Leila Maziane *Sit al-Horra Gouvernante de Tétouan et armatrice de navires corsaires au XVIe siécle*. Através da análise historiográfica destes textos e de uma bibliografia de suporte, pretendemos alcançar um entendimento de quem foi Sayyida al-Hurra, figura importante na história do Marrocos e do Mediterrâneo ocidental.

Marroquina, andaluz, governadora, corsária, sultana: todas estas palavras podem qualificar a trajetória de vida de Sayyida al-Hurra. Filha de refugiados do reino de Granada, ela ascendeu ao posto de governadora da cidade de Tétouan, aliada dos corsários no Mediterrâneo, e sultana do Marrocos. Como demonstram as biografias que analisaremos neste artigo, ela soube realizar o jogo de alianças políticas necessário para se manter no poder por mais de 30 anos, com o auxílio de figuras como o sultão do Marrocos e o famoso corsário Barbarossa. Além disso, até hoje ela detém a distinção de ter sido a única mulher a governar no Marrocos, fazendo jus ao título que lhe foi concedido, al-Hurra: a livre.

Tendo em vista que trabalharemos com biografias, as considerações de Pierre Bourdieu em seu texto *A Ilusão Biográfica* devem ser levadas em conta, ou seja, de certa forma ao buscarmos uma certa coerência na trajetória de al-Hurra, corremos o risco de ficcionalizá-la de tal forma que a linha entre o que é real e a ficção se torna ainda mais porosa.

Como seu nome, Sayyida al-Hurra, pode ser um título e não efetivamente seu nome próprio, muitas das informações pessoais a respeito dela são limitadas. Quaisquer tentativas de traçar a sua trajetória de vida serão inevitavelmente atreladas ao contexto mais amplo do Marrocos e, por conseguinte, do Mediterrâneo no século XVI. Assim, buscaremos neste artigo sempre expor o contexto do espaço no qual sua vida se desenvolveu (Bourdieu, 2008: 183-191).

De acordo com Grimau, Sayyida al-Hurra teria sido filha de Mawlay Ali Ibn Rashid, emir e fundador de Chefchaouen[3], e de Lalla Zohra Fernandez, uma mudéjar, ou seja, uma mulher muçulmana da Península Ibérica, originária de Vejer de La Frontera, próxima de Cádiz (Grimau, 2000: 314). Richard Pennel, em seu livro *Morocco: From Empire to Independence*, afirma que Mawlay Ali Ibn

[3] Cidade também conhecida como Chaouen, Xauen ou Xexuão, neste artigo usarei o nome Chefchaouen.

Rashid teria abandonado a Espanha com sua esposa em 1471, migrando para o Marrocos. Lá ele construiu uma casbá, uma cidadela no estilo do norte da África, nas montanhas de Jibala, próximo a tumba do sábio Sufi Mawlay Abd al-Salam bin Mashish, a partir da qual lançou ataques contra os portugueses. Conforme refugiados de Granada se assentaram na região, a cidade de Chefchaouen cresceu em torno da fortaleza (Pennel, 2003: 73). Leila Maziane indica que as fontes tanto árabes quanto hispânicas acerca de suas origens são raras e contraditórias, embora corrobore a colocação de Grimau quanto a seus pais.

Mawlay Ali Ibn Rashid teria servido como militar aos últimos governantes de Granada, e teria fugido com sua família para Chefchaouen. A data de nascimento de al-Hurra seria incerta, assim como a localidade, se teria ocorrido ainda em Granada ou já em Chefchaouen. Maziane sugere que seu nascimento, de acordo com historiadores, tenha sido ou 1485 ou em 1493, tendo se casado aos 16 anos, em 1500, 1510 ou 1512 (Maziane, 2019: 294- 295). Tendo em vista que Pennel sugere que seus pais teriam migrado para o Marrocos em 1471, seu nascimento em 1485 ou em 1493 já teria se dado no norte da África.

Fatima Mernissi, em seu livro *The Forgotten Queens of Islam*, descreve a família e a juventude de Sayyida al-Hurra:

> Sua família, o Banu Rashid, era uma família de notáveis da Andaluzia, os quais como muitos outros decidiram retornar para o norte da África depois da queda de Granada. A vida de Sayyida al-Hurra começou em meio das ansiedades do exílio e das incertezas experimentadas por todos os refugiados da Andaluzia que fugiram da Inquisição[4] (Mernissi, 2006: 18, tradução nossa).

Como já dissemos antes e de acordo com Mernissi, o próprio nome "Sayyida al-Hurra" poderia não ter sido seu nome real, mas sim um título dado a ela na documentação espanhola e portuguesa do período (Mernissi, 2006: 19). Grimau indica que seu nome poderia ter sido Aisha, pois o título "al-Hurra", significando "a livre", só poderia ter sido atribuído a ela após ter assumido o governo de Tétouan (Grimau, 2000: 315). Maziane ressalta que a questão de seu nome é digna de atenção, pois cronistas árabes hesitariam em qualificar uma mulher, mesmo uma governante, como tal.

> Já o título de al-Hurra (a livre), em si, pede uma reflexão. Na hierarquia social e de poder das sociedades muçulmanas, ser de condição livre ou servil é um marcador fundamental. Se a chamam de "Hurra" (livre), é para destacar, sem dúvida, seu pertencimento aos círculos apropriados para o exercício do poder. Num período marcado por guerras, pelo corso, por cativeiros e conversões religiosas, é importante

[4] *Her Family, the Banu Rashid, was a Family of Andalusian notables, who like many other decided to return to North Africa after the fall of Granada. The life of Sayyida al-Hurra began amid the anxieties of exile and the uncertainties experienced by all the Andalusian refugees who fled the inquistion.*

> ressaltar que esta mulher que governa os homens é de origem livre e não servil. Liberdade não tendo o sentido atual da palavra. Fontes árabes a qualificam também como "Sayyida" e nós pensamos que tal não seja fortuito, porque esse qualificador a coloca entre os "mestres" (al asyâd) para não ir além e qualificá-la como Charîfa, com todo o encargo religioso de pertencer à linhagem do profeta. Sua família sendo da linhagem de Chorfa, Granadina e Marroquina. Em fontes europeias, ela aparece sob o título "sayyida al hurra" (a dama livre), ou de formas similares distorcidas foneticamente: Sida-el-Horra, Citalforra, Al Horra, Cyti al-Horra, Cyte Alhorra, etc[5] (Maziane, 2019: 296- 297).

De acordo com Maziane, fontes indicam que Sayyida al-Hurra, juntamente de seu irmão, Mulay Ibrahim, teria sido educada por xeques e notáveis da sociedade marroquina, citando nomes como Abdallah el Habtî e Abdallah al-Ghazwâni. Teria sido também educada por sua mãe, cuja educação na cultura e língua castelhana lhe possibilitou participar do jogo diplomático com os reinos ibéricos (Maziane, 2019: 296). Seu irmão, por seu lado, alcançaria o cargo de governador de Fez, o qual deu suporte a sua irmã no exercício do poder (Grimau, 2000: 315).

Governadora de Tétouan

Aos 16 anos, Sayyida al-Hurra se casaria com Ali al-Manzari ou Abu Hasan al-Mandari , um homem trinta anos mais velho, então governador de Tétouan[6]. De acordo com Grimau, existe a possibilidade de que tenha conhecido o pai de al-Hurra, Ibn Rashid, durante as guerras em Granada. Ali al-Manzari teria fundado um forte próximo a localização de Tétouan, visando a formar uma base para a prática do corso contra os reinos ibéricos. A localidade atraiu outros refugiados de Granada, que reconstruíram Tétouan, concedendo a al-Manzari o título de fundador de Tétouan (Grimau, 2000: 315).

---

[5] *Déjà le qualificatif d'Al-Horra (la libre), lui-même, appelle une réflexion. Dans la hiérarchie sociale et du pouvoir dans les sociétés musulmanes, être de condition libre ou servile est un marqueur fondamental. Si les sources la qualifient de «Horra» (libre), c'est pour mettre en valeur sans doute, son appartenance aux milieux aptes à exercer le pouvoir. Dans une période marquée par les guerres, la course, les captivités et les conversions religieuses, il est importante que cette femme qui gouverne des hommes soit d'origine libre et non servile. La liberté n'ayant pas le sens actuel du mot. Les sources arabes aussi la qualifient en même temps de «sayyida» et nous pensons que ce n'est pas fortuit, car ce qualificatif la range parmi les «maîtres» (al asyâd) pour ne pas franchir le pas et la qualifier de Charîfa avec toute la charge religieuse d'appartenir à la lignée du prophète. Sa famille étant déjà de lignée Chorfa, grenadine et marocaine. Dans les sources européennes, elle apparait sous le qualificatif «sayyida al horra» (La dame libre), ou d'une manière plus ou moins déformée phonétiquement: Sida-el-Horra, Citalforra, Al Horra, Cyti al- Horra, Cyte Alhorra, etc.*

[6] Fontes diferentes sugerem nomes diferentes para o mesmo homem, neste artigo usarei o nome al-Manzari.

Existem, entretanto incertezas se o al-Manzari com quem Sayyida al-Hurra se casou teria sido o mesmo que fundou Tétouan, e não um sucessor seu com o mesmo nome. Mernissi indica que algumas fontes sugerem que teria sido o próprio fundador de Tétouan, que devido a sua idade avançada e da sua perda da visão teria delegado a al-Hurra o governo da cidade. Outras fontes sugerem que seria o filho de al-Manzari, o qual respeitava as suas habilidades administrativas e a colocava em seu lugar quando tinha de viajar (Mernissi, 2006: 19). Grimau, por seu lado, reconhece a possibilidade de que seu marido tenha sido sucessor de al-Manzari, mas cita o historiador Gozálbes Busto, que afirma que ela teria se casado com o próprio fundador de Tétouan, o qual, devido a sua idade e à cegueira, passaria a atribuição dos assuntos da cidade a sua esposa (Grimau, 2000: 316).

Grimau aponta que, devido à exploração portuguesa do litoral africano para descobrir uma nova rota para a Índia, trechos do litoral marroquino já estavam sob controle da coroa portuguesa (Grimau, 2000: 311 e 312). Segundo Guillermo Gozálbes Busto, em seu artigo *La nobleza granadina en la fundación y desarolo de Tétuan (siglos XV al XVIII)*, afirma que o Marrocos vivia um período de grave crise econômica e política neste período, o que possibilitou aos portugueses tomarem Ceuta, e a partir dali, conduzirem incursões contra o norte do país, culminando na destruição de Tétouan em 1437 (Busto, 1992: 141). Richard Pennel oferece mais informações sobre a crise política. A dinastia dos *Wattasies* tomaria o poder sobre o Marrocos sem conquistar todo o país, o que explicaria sua debilidade e incapacidade de opor resistência ao avanço português (Pennel, 2003: 72).

A crise econômica no Marrocos, como aponta Grimau, pode ser explicada com a descoberta do caminho para a Índia através do Cabo da Boa Esperança. Os marroquinos desde muito tempo tinham se beneficiado de sua posição como intermediários entre os europeus e as caravanas vindas do sul do Saara, comercializando ouro, sal e escravos. Estes mercados entram em colapso com os descobrimentos marítimos portugueses, causando uma deterioração notável na condição de todos os Estados que dependiam de sua posição intermediária. Não só o Marrocos, mas também o Egito e o reino de Granada, aquele perde sua independência e torna-se vassalo do império otomano, este é tomado pelos reinos cristãos na Reconquista (Grimau, 2000: 311 e 312).

Guillermo Gozálbes Busto indica que Al-Manzari, marido de Sayyida al-Hurra, teria sido alcaide de Píñar, a serviço de Boabdil, o último sultão de Granada. Devido às divisões internas do reino de Granada e da iminente derrota frente aos Reis Católicos, abandonou a Península Ibérica em direção ao Marrocos. Lá, juntamente com outros refugiados da Andaluzia, ocupou e reconstruiu a cidade outrora arruinada de Tétouan. Gozálbes busto afirma que teria vivido até 1540,

embora a esse ponto a poder real da cidade já era exercido por sua esposa (Busto, 1992: 143-145).

Existem contradições entre os relatos de Rodolfo Gil Grimau e de Leila Maziane quanto aos filhos do casal. Grimau afirma que tiveram duas filhas, uma que se casou com um filho de Hasan Hasim, originário de Granada, chamado Ahmed, em quem Sayyida al-Hurra teria se apoiado durante seu governo após a morte de seu marido, e outra filha que teria se casado com um homem chamado Abu Ali, também originário de Granada (Grimau, 2000: 316). Leila Maziane, por outro lado, afirma que o casal teria tido apenas uma filha única, casada com um homem chamado Hassen Mandari, possivelmente a mesma pessoa a quem Grimau chama Ahmed (Maziane, 2019: 299).

Maziane aponta a amizade entre al-Manzari e Ibn Rashid, indicando que o casamento teria sido arranjado entre os dois como meio de manter o controle da cidade de Tétouan nas mãos da aristocracia granadina. Afirma ainda que desde o princípio, al-Hurra estava envolvida com os assuntos políticos da cidade, passando a exercer efetivamente o poder conforme a saúde de seu marido se deteriorava (Maziane, 2019: 297 - 298).

Richard Pennel, por outro lado, indica que Sidi Abu Hasan al-Manzari recebera abrigo do pai de Sayyida al-Hurra e Chefchaouen, antes de se mudar para as ruínas de Tétouan, que ele reconstruiu com o auxílio de refugiados do al-Andaluz. Estes passariam a se dedicar à atividade corsária contra o litoral espanhol. Pennel sugere que não teria sido al-Manzari, mas sim seu neto, que se casara com Sayyida al-Hurra como meio de firmar a aliança entre as cidades de Chefchaouen e Tétouan (Pennel, 2003: 74).

Com a morte de al-Manzari, o governo de Tétouan passaria para o irmão de al-Hurra, Ibrahim. No entanto, este tinha se tornado governador de Fez e, em 1528, tornar-se-ia grão-vizir do sultão Ahmed al-Wattasí, e portanto, indicou sua irmã ao cargo de governadora de Tétouan (Maziane, 2019: 298). Assumindo o governo, Sayyida al-Hurra iria cultivar suas próprias relações de poder na cidade de Tétouan, a qual ela tornaria um refúgio e base para corsários operando contra os reinos ibéricos. De acordo com Mernissi, ela governaria a cidade de Tétouan por mais de 30 anos, de 1510 a 1542, período no qual ela firmou alianças com famosos corsários como Barbarossa, o lendário Barba Ruiva, que no período operava em Argel. Juntamente com refugiados de Granada, organizou uma frota de corsários que empreendeu expedições contra os territórios portugueses e espanhóis, sustentando-se com o butim e a cobrança de resgates de cativos de guerra (Mernissi, 2006: 18 e 19).

Maziane atribui à falta de um exército forte a vocação corsária de Tétouan durante seu governo. Para garantir o sucesso destas atividades buscou

estabelecer alianças com outras cidades portuárias do Magreb, sendo a Argel de Barbarossa a maior aliada de Tétouan nos conflitos contra os cristãos (Maziane, 2019: 301 e 303). Como indica Albert Hourani, em seu livro *Uma história dos povos árabes*, Argel era o principal centro do poder do império otomano na região do Magreb. A marinha do império, alojada na cidade, praticava a pirataria contra navios dos reinos cristãos, financiada e apoiada pelos comerciantes e os governantes locais. Caso semelhante se dava em outras cidades do Magreb, como Trípoli e Túnis, que também participavam da atividade pirata, partilhando dos lucros com a venda dos bens capturados e com a cobrança de resgate pelos cativos (Hourani, 2021: 304 e 305).

Maziane aponta que em 1531, mais de 68 navios turcos originários de Argel fariam escala no porto de Tétouan, fato que perturbava os governos dos reinos de Portugal e da Espanha, que chegavam a suspeitar que própria produção de trigo e pão de Tétouan no período era destinada a financiar a atividade dos corsários argelinos (Maziane, 2019: 301 a 303).

> Uma carta da cidade de Gibraltar nos informa que, na noite de 9 a 10 de Setembro, os corsários de Argel, com uma frota também composta por cinco unidades armadas pela governadora de Tétouan, encabeçadas pelos raïs Kara Mami e Ali Hamet, chegam inesperadamente em Gibraltar. Eles fizeram um grande saque e lá e sequestraram grande número de cativos antes de navegar para o porto de Tétouan para se livrar de parte dos cativos, mais de 80 mulheres e crianças, e se juntam em Badis, 14 de Setembro, para ancorar seus navios. A flotilha turca não partiu de até 30 de Setembro, depois que o sultão Wattassid Abu Hassûn, senhor do lugar, pagou resgate pelos cativos ao preço de 5000 ducados, que ele não tardará em exigir em pagamento da cidade de Gibraltar[7] (Maziane, 2019: 303).

Assim Sayyida al-Hurra estava diretamente envolvida nas atividades dos corsários do Magreb, com os quais compartilhavam interesses e os lucros dos saques. Ao mesmo tempo tal aliança protegia a cidade contra possíveis represálias dos europeus contra o entrave que os corsários representavam para as práticas comerciais no Mediterrâneo (Maziane, 2019: 303 a 305). Além disso, mesmo com proibições, existia um comércio "silencioso", como afirma Maziane, entre a costa da África e da Europa. Tétouan também lucraria comercializando principalmente de cativos de diversas localizações geográficas, comércio

[7] *Une lettre émanant de la ville de Gibraltar nous informe que, dans la nuit du 9 au 10 septembre 1540, les corsaires d'Alger, avec une flotte composée également de cinq unités armées par la gouvernante, ayant à leur tête les raïs Kara Mami et Ali Hamet, arrivent à l'improviste à Gibraltar. Ils y firent un grand butin et de nombreux captifs avant de cingler vers le port de Tétouan pour se défaire d'une partie des prises, soit plus de 80 femmes et enfants et rejoindre Badis, le 14 septembre, pour caréner leurs navires. La flottille turque n'en repartit que le 30 septembre après que le sultan wattasside Abû Hassûn, maître des lieux, ait racheté tous les captifs au prix de 5000 ducats, dont il ne tardera pas à réclamer le paiement à la ville de Gibraltar.*

realizado através dos contatos com o exterior assegurados pela autoridade de Fez (Maziane, 2019: 305).

A existência deste comércio não é uma surpresa. De acordo com Jerry Brotton, em seu livro *The Renaissance Bazaar: From the silk road to Michelangelo*, indica que o Mediterrâneo era um importante via comercial integrando a África, a Ásia e a Europa desde os tempos do império romano (Brotton, 2010: 38). A tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos faria pouco para alterar este quadro, o império apenas passaria a cobrar impostos sobre este comércio (Brotton, 2010: p. 50). Através do continente africano, era corrente a relação entre as mulheres e a atividade comercial, embora esse possivelmente não tenha sido o caso no norte da África, devido ao status privado que a fé islâmica impunha às mulheres.

Os refugiados de Granada se dedicavam e apoiavam a atividade corsária, visando enfraquecer os reinos cristãos da península ibérica para talvez posteriormente conseguirem retornar à Andaluzia (Mernissi, 2006: 18). Apesar disso, de acordo com Grimau, o apoio de Sayyida al-Hurra a atividade corsária acabaria por lhe render inimizades não apenas com externas, mas também marroquinas, que se viam prejudicadas com as represálias do reinos ibéricos (Grimau, 2000: 317).

Deposição e queda

Em 1539, o principal apoiador de Sayyida al-Hurra, seu irmão Ibrahim, morre em Fez. De acordo com Grimau, o governo de Chefchaouen passou para as mãos de seu meio-irmão Sidi Muhammad, com quem ela não se daria bem, e que tentaria a partir de então intervir na política de Tétouan. De acordo com Grimau, também haveria um confronto entre os maridos das duas filhas de Sayyida al-Hurra (Grimau, 2000: 317). Maziane, entretanto, afirma que esta buscou fortalecer relações com seu genro Hassen Mandari como meio de manter seu poder sobre Tétouan (Maziane, 2019: 299).

Para assegurar seu poder sobre a cidade, Sayyida al-Hurra propôs um casamento político ao sultão do Marrocos, Ahmed El Wattassi, celebrado em 30 de Junho de 1541 em Tétouan. O casamento era visto como sendo de benefício mútuo às duas partes. Ela conseguia o apoio político do sultão, enquanto este assegurava sua autoridade sobre a cidade. De acordo com Maziane, isto permitiria a al-Hurra assegurar a sua autoridade em questões diplomáticas e militares, por passar a representar a vontade do sultão no noroeste do país (Maziane, 2019: 299).

Além disso, o casamento representou um marco na história do Marrocos. De acordo com Mernissi, para demonstrar que ela não tinha intenção de abandonar sua autoridade política no norte do país, Sayyida al-Hurra pediu ao sultão que deixasse sua capital em Fez e viesse celebrar a cerimônia de casamento em Tétouan. Tal fato representou a única vez que na história do Marrocos em que o sultão casou-se fora de sua capital (Mernissi, 2006: 18). Para Grimau, tal fato sugere que o sultão teria muito a ganhar com o ato de casar-se com uma súdita sua longe de sua capital. Acreditava que com isso, manteria uma linhagem que garantiria a ordem no norte do país (Grimau, 2000: 317 e 318). Pennel indica que tal fato era uma demonstração da diferença de poder entre os dois, o dela tão maior que o dele que ela pôde obrigá-lo a viajar para Tétouan para o casamento (Pennel, 2003: 74).

Talvez, a nosso ver, o casamento e o título de sultana não tenham auxiliado muito na manutenção de seu poder. Como afirma Pennel, os *Wattasies* não detinham muito poder sobre o país, apesar de o dominarem. Não enviaram auxílio ao reino de Granada, tradicional aliado, quando este sucumbia à Reconquista, e mesmo assim foram incapazes de defender o litoral marroquino do avanço das forças ibéricas. Seus súditos reclamavam de impostos excessivos para manter o constante estado de guerra. Os refugiados de Granada, apesar de muitos serem muçulmanos e praticarem a guerra contra os reinos ibéricos, competiam com artesãos e mercadores locais, sendo relativamente mal vistos. Daí a sua afirmação do poder débil do sultão Ahmed El Wattasi, o qual teve de aceitar casar-se fora de sua capital, talvez considerando, ironicamente, que o poder de Sayyida al-Hurra poderia preservar seu governo. (Pennel, 2003: 72-75).

Além disso, o governador português de Ceuta, em resposta ao apoio da governadora aos corsários do Magreb, ordena o fechamento do porto a todo o comércio de Tétouan, o que causou prejuízos a comerciantes de Tétouan, além de portugueses e espanhóis; o que levou o próprio sultão a ter de intervir diplomaticamente na situação (Grimau, 2000: 318).

> Suas disputas com o capitão de Ceuta, Affonso de Noronha, que decide interromper o comércio, e as medidas tomadas pelo governo para fechar o porto de Tétouan, por sua vez, tiveram repercussões nos interesses dos comerciantes de ambos os lados. Os ibéricos, como é o caso de Bastião de Vargas, agente do rei de Portugal D. João III ao Marrocos, falam frequentemente dela com severidade como esta passagem mostra: "Ela é muito belicosa e temperamental em tudo."[8] (Maziane, 2019: 299-300, tradução minha)

[8] *Ses démêlés avec le Capitaine de Ceuta, Affonso de Noronha qui décide d'interrompre le commerce, et les mesures prises par la gouvernante de fermer à son tour le port de Tétouan n'étaient pas sans répercussion sur les intérêts des commerçants des deux camps. Les Ibériques, comme c'est le cas de*

A forma como al-Hurra é destituída do poder é semelhante nos relatos de Grimau e de Maziane. Maziane indica Sayyida al-Hurra mantém a sua lealdade à dinastia dos Wattasis mesmo quando outra dinastia, a dos *Saadis*, começa a manobrar para tomar posse do Marrocos; além disso, o pai de seu genro Hassen Mandari lidera o movimento que a derruba do poder (Maziane, 2019: 300). Grimau indica, por outro lado, que em 22 de Outubro de 1542 o pai de seu genro Ahmed, Hasan Hasim, lidera um grupo de cavaleiros de Fez e, com conivência de facções contrárias à governadora em Tétouan, a destituem de seu cargo e confiscam seus bens. Afirma também, entretanto, que os detalhes do "golpe de Estado" contra al-Hurra são obscuros, afirmando desconhecer em que medida suas filhas e seus maridos teriam conspirado contra a mãe, e em que medida o sultão teria tentado proteger sua esposa (Grimau, 2000: 318). Ambos os autores concordam que este evento marcou o fim da vida política de Sayyida al-Hurra. Expulsa de Tétouan, retornou para Chefchaouen, onde viveu isolada dedicada a assuntos religiosos onde faleceu, cerca de vinte anos depois (Maziane, 2019: 300).

Quanto à Tétouan, o governo da cidade passaria para as mãos de seu genro, Ahmed Hassen, o qual governou a cidade com similar autonomia a sua antecessora, sem se submeter aos Saadies, a nova dinastia que tomaria o poder no Marrocos. De acordo com Gozalbes Busto, ele teria se erguido contra o poder feminino de Sayyida al-Hurra, o único exemplo de uma cidade do Magreb governada por uma mulher. Hassen governaria até em torno de 1562, quando os documentos do período sugerem que teria sido sucedido por outro governador (Busto, 1992: 145 e 146).

Fatima Mernissi descreve Sayyida al-Hurra como a indisputável líder dos piratas no Mediterrâneo Ocidental, mulher marroquina de origem andaluz que exerceu um papel chave como governadora de Tétouan, rival dos portugueses e espanhóis no jogo diplomático. Indica que a comunidade de Tétouan se acostumou a vê-la exercer autoridade, e a aceitou como governadora sem oposição. Ao se aliar com Barbarossa e organizar a sua frota, lançou uma longa campanha corsária através do Mediterrâneo contra os reinos cristãos. Entretanto, por mais notável que seu governo tenha sido, Mernissi aponta que historiadores muçulmanos trataram-na com um "silêncio desdenhoso", que procurar informações sobre ela nas fontes árabes rende poucos resultados (Mernissi,2006: p. 18 e 19).

Leila Maziane indica como num contexto de instabilidade política, Sayyida al-Hurra pôde impor-se num meio normalmente reservado aos homens na sociedade marroquina. Embora ela possa ser descrita como a única mulher a

Bastião de Vargas, agent du roi du Portugal Jean III au Maroc, s'expriment souvent à son sujet avec sévérité comme le montre ce passage: «C'est une femme très belliqueuse et très emportée en tout».

exercer poder soberano no Marrocos, seu poder dependia de uma rede de alianças e conexões familiares, e tão logo essa rede foi desfeita, seu poder foi perdido (Maziane, 2019: 306).

Numa época de transformações como o limiar entre as ditas idade média e idade moderna, Sayyida al-Hurra teve de exercer poder adequando-se ao contexto da sociedade marroquina frente aos refugiados granadinos e aos esforços dos novos impérios português, espanhol e otomano. Para Rodolfo Gil Grimau, ela pôde governar por estar imersa no meio político desde sua infância, sendo filha do governador de Chefchaouen e esposa do fundador de Tétouan. Porém, ele indica que o fato de que ninguém se opôs abertamente a sua queda sugere que na sociedade masculina marroquina, o fato dela ser uma mulher governante ainda não era algo que poderia se sustentar sem apoio, primeiramente de seu marido e posteriormente de seu irmão (Grimau, 2000, 319). O fato de que ela era digna da confiança de ambos é inegável.

Considerações Finais

Certamente, tanto pela natureza única de seu governo, quanto pelo contexto histórico em que se inseriu, Sayyida al-Hurra destaca-se como uma governante, diplomata e líder militar. Seus esforços elevaram a cidade fundada por seu marido à prosperidade. Suas manobras diplomáticas e sua liderança corsária foram imortalizadas, se não pela historiografia árabe, mas pelas cartas e escritos dos portugueses e espanhóis, contra os quais ela dedicou boa parte de seus esforços. Sua queda, por mais que possa ter sido causada em parte devido ao fato de ser uma mulher, foi também em larga medida acarretada por manobra políticas e mudanças em seu contexto histórico, como o avanço dos Saadis contra a dinastia dos Wattasids, que contribuiu para o enfraquecimento de seu poder político. Mais do que sua queda, o fato que governou por 32 anos com o respeito de seu sultão e de figuras notáveis como o corsário otomano Barbarossa tornam seu período de governo um importante objeto de estudo na história do Marrocos.

Neste artigo, fazemos referência a Sayyida al-Hurra como uma rainha corsária tendo em vista seu papel de liderança aos corsários de Tétouan. Estes operavam se não com as bênçãos certamente com a conivência do estado marroquino. As alianças de Sayyida al-Hurra com corsários argelinos como Barbarossa, que posteriormente tornar-se-ia almirante da marinha otomana, sugere que as atividades dos corsários de Tétouan teriam o conhecimento e, possivelmente o suporte do Império Otomano, o qual se beneficiava de seus ataques contra os reinos ibéricos.

Apesar de incertezas historiográficas quanto a real identidade de seu marido (se era o mesmo al-Manzari que lutara contra os reis cristãos em Granada e que reconstruiu Tétouan, ou se era um descendente deste), é certo que enquanto ele vivia, Sayyida al-Hurra governou Tétouan em seu nome com seu consentimento, e continuou a fazê-lo após sua morte com o apoio do seu irmão, sem que ocorressem atentados contra o seu governo por parte dos cidadãos de Tétouan. Pelo contrário, as fontes sugerem que estes não só aceitaram seu governo como, talvez devido a um desejo de vingança devido a seu exílio forçado do reino de Granada, colaboraram com seu governo e participaram da prática do corso contra os reinos ibéricos. É testamento de seu poder o fato dela ter sido a única governadora na história do Marrocos e a única mulher a se casar com um sultão marroquino fora de sua capital. E, além de tudo, mostrou-se digna de seu título, al-Hurra, a livre, para a historiografia posterior.

Sua história nos sugere uma relação simbiótica e complementar entre os papeis masculinos e feminino, onde, questões outras, como por exemplo a capacidade de articulação e liderança política de Sayyida al-Hurra, que a tornara "livre", tenha um significado mais preponderante na sua ascensão do que disputas generificadas, que talvez, não fizessem muito sentido naquele tempo histórico.

Cronologia

1415 – Ceuta é ocupada pelos portugueses.

1437 – Tétouan é destruída pelos portugueses.

1471 – Mawlay Ali Ibn Rashid e sua esposa abandonam a Espanha para fundar Chefchaouen.

1484 ou 1485 – Al-Manzari parte para o norte da África, onde junto a refugiados de Granada, reconstrói Tétouan.

1485 ou 1493 – Nasce Sayyida al-Hurra.

1500 1510 ou 1512 – Sayyida al-Hurra casa com al-Manzari.

1528 – Ibrahim, irmão de Sayyida al-Hurra, torna-se grão-vizir do sultão marroquino Ahmed al-Wattasi.

1531 – Corsários de Tétouan juntamente com corsários turcos empreendem um saque de Gibraltar.

1539 – Morre Ibrahim, irmão de Sayyida al-Hurra.

1541 – Sayyida al-Hurra casa-se com o sultão do Marrocos Ahmed al-Wattasi.

1542 – Um grupo de pessoas próximas a al-Hakimat, incluindo seu irmão, orquestrou uma conspiração contra Sayyida al-Hurra e a depôs.

1562 - Sayyida al-Hurra refugiou-se em Chefchaouen, onde morreu em 1562.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro, RJ. Editora FGV, 2008.

BROTTON, Jerry. *The Renaissance Bazaar: From the silk road to Michelangelo.* Oxford, OX. Oxford University Press, 2002.

BUSTO, Guillermo Gozalbes. La nobleza granadina en la fundación y desarrollo de Tetuan (siglos XV al XVII). In: *Miscelânea De Estudios Árabes Y Hebraicos. Seccíon Árabe-Islam*, v. 41, p. 141-158, 11.

GRIMAU, Rodolfo Gil. Sayyida al-Hurra, mujer Maroqui de origen Andalusi. *Anaquel de Estudios Árabes*, n. 11, p. 311-320, 2000.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes.* São Paulo, SP. Editora Schwarcz S. A., 2021.

MAZIANE, Leila. Sit al-Horra, gouvernante de Tétouan et armatrice de navires corsairs au XVI siècle. In: *Donne e lavoro attività, ruoli e complementarietà (secc. XIV-XIX).* Cagliari. Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea, 2019.

MERNISSI, Fatima. *The Forgotten Queens of Islam.* Minneapolis, MN. University of Minnesota Press, 2006.

PENNEL, Richard. *Morocco: From empire to independence.* Oxford, OX. Oneworld Publications, 2003.